



**RESENHA DE OBRA QUE ANALISA O PENSAMENTO DE IMMANUEL KANT (1724-1804) NA  
EDUCAÇÃO**

**REVIEW OF WORK THAT ANALYZES THE THOUGHT OF IMMANUEL KANT (1724-1804) IN  
EDUCATION**

**REVISIÓN DEL TRABAJO QUE ANALIZA EL PENSAMIENTO DE IMMANUEL KANT (1724-1804)  
EN EDUCACIÓN**

Autor: Rogério Duarte Fernandes dos Passos

<https://doi.org/10.47820/recima21.v3i1.1081>

**RESUMO**

O presente resumo objetiva trazer apontamentos acerca da obra Sobre a Pedagogia (*Über Pädagogik*), do filósofo Immanuel Kant (1724-1804) – e com tradução de Francisco Cock Fontanella –, registrando o pensamento do filósofo sobre educação, em um de seus trabalhos menos conhecidos.

**ABSTRACT**

*This abstract aims to bring notes about the work On Pedagogy (Über Pädagogik), by the philosopher Immanuel Kant (1724-1804) – and translated by Francisco Cock Fontanella –, recording the philosopher's thinking on education, in one of his works less acquaintances.*

**RESUMÉN**

*Este resumen pretende traer apuntes sobre la obra Sobre una pedagogía (Über Pädagogik), del filósofo Immanuel Kant (1724-1804) – y traducida por Francisco Cock Fontanella –, registrando el pensamiento del filósofo sobre la educación, en una de sus obras menos conocidas.*

**Palavras-chave:** Immanuel Kant. História da Educação. Filosofia da Educação. Pensamento de Kant na ação educativa.

**Keywords:** Immanuel Kant. History of education. Philosophy of education. Philosophy of Kant in educational action.

**Palabras clave:** Immanuel Kant. Historia de la educación. Filosofía de la educación. El pensamiento de Kant en la acción educativa.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Trad. Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora UNIMEP, 5ª ed., rev., 107 p., 2006.



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

Immanuel Kant (1724-1804), filósofo prussiano, é amplamente conhecido por seu pensamento relacionado à filosofia e ética. Contudo, nesse texto sobre educação, ele nos traz um de seus trabalhos menos estudados, oferecendo uma contribuição à altura de sua obra no campo pedagógico.

Com tradução do professor doutor Francisco Cock Fontanella, docente da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), como o próprio tradutor nos informa no prefácio, o texto é parte das Obras Completas de 1932 do filósofo prussiano (Tomo IX), trazida pela Real Academia Prussiana de Ciências, tendo sido publicada pela primeira vez em 1803 por Theodor Rink (1770-1811), discípulo de Kant (p. 05).

Esclarece igualmente Fontanella que esse Kant educador, menos conhecido, exsurge no escrito, pois os professores de filosofia da Universidade de Königsberg precisavam se revezar na oferta de cursos de pedagogia, sendo o texto a materialização de um desses momentos (p. 05).

Por sinal, o tradutor opina que a visão adequada de Kant é que o coloca na condição de um pioneiro em ter o ser humano de forma total e unificada na filosofia ocidental (p. 06).

Kant expõe que o ser humano é o único que necessita ser educado (p. 11). E daqui temos o ponto de partida para várias de suas lições e reflexões, cujas mais destacadas para o trabalho pedagógico são evidenciadas nessa resenha.

O ser humano necessita extrair pouco a pouco, por meio de seu próprio esforço, suas qualidades, pois elas são da humanidade, em um ato contínuo no qual uma geração se põe a educar a de outrora. Dito isso, a disciplina será o elemento que o conduz para não desviar de sua meta, que é a própria humanidade, superando as inclinações animalizadas (p. 12).

A disciplina revela-se em ato negativo, um desvio do ser humano em desfavor da humanidade, afastando-o da selvageria e, substanciando, então, a parte positiva da educação (p. 12 e 13).

Com a educação, o ser humano se submete à humanidade, sentindo as forças de suas leis, algo que deve ser realizado desde cedo, consistindo a disciplina benéfica ao seu temperamento no futuro, quando no futuro é mais difícil proceder às mudanças (p. 13).

A influência de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) é textualmente citada no trabalho de Immanuel Kant, no reconhecimento da tendência de, por meio da educação, alocar aos indivíduos os princípios da razão (p. 13 e 14), sendo o que são senão pela educação, que somente pode ser recebida de outros homens (p. 15). A amamentação – inclusive a primeira –, não é desconsiderada (p. 38) é outra contribuição colhida de Rousseau, no que a dissertação kantiana já propunha o abandono de faixas para se enrolar os bebês no intuito de lhes deixar livre o desenvolvimento, dentre outras observações relacionadas ao cuidado e higiene, resgatando as práticas de povos nativos americanos nesse sentido (p. 41). Mais do pensador suíço é mencionado, recordando aqui o exemplo de um beliscão na mão de um bebê, associando aqui a ideia de grave ofensa (p. 44) e no cultivo da cultura do movimento como recurso educativo, em íterim superador das traquinas (p. 58).

O pensador prussiano ainda sugeria que não se cedesse às birras da primeira infância (p. 43), para que não se acostumassem mal, em exemplo de “gente grande” que está no poder, largá-lo



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

resulta em ato penoso (p. 44). Ainda, recomendava que as crianças fosse livres para engatinhar até aprenderem a andar, com a precaução de proteger o chão para se evitar machucados (p. 46).

Há, igualmente, a percuente condenação do fumo e da bebida alcoólica, deveras prejudiciais ao ser humano e, sobretudo, às crianças, em hábitos difíceis de posteriormente serem reformados (p. 48).

Um verdadeiro ser humano não o será senão pela educação, o será por aquilo que a educação dele fizer, recebendo a mesma educação das gerações antecedentes (p. 15). Ainda que infelizmente muitos não cuidam de si mesmo sobre este ponto e não a considera como elemento construtivo em favor da humanidade (p. 15-16).

Justamente será a educação que fará o homem superar o estado bruto, em um íterim de aperfeiçoamento que abre a perspectiva de futura felicidade, embora esse ideal de perfeição ainda não se tenha verificado no campo da experiência (p. 15-17).

Kant supõe a educação como exemplo, enunciando a busca por uma perfeição em pureza, não alcançável pelo homem singularmente considerado, mas tão somente em humanidade, como que base epistemológica de submeter ao ideal de perfeição apenas em potência como resultado da Providência, o que não acontecerá sem a bússola norteadora do desenvolvimento do bem na condição de marca distintiva moral (p. 19).

Esse mesmo ideal de potência infinita se faz presente pela possibilidade de progresso contínuo do ser humano (p. 62), em que as potências inferiores conduzam às superiores, como a espiritualidade apta ao entendimento, de sorte que todas sejam desenvolvidas em conjunto para um patamar maior, como ocorre na imaginação instrumentalizada em favor da inteligência (p. 67). O equilíbrio pugnado pelo filósofo prussiano é dos mais austeros, sobretudo, quando nos esclarece que as potências inferiores, por si mesmas e sem o uso da razão, não oferecem frutos, e a espiritualidade, desacompanhada do juízo – valor representativo do discernimento do geral para o particular – conduz a disparates (p. 63). A máxima *Tantum scimus quantum memoria tenemus* (tanto sabemos quanto retemos) reforça o poder e a utilidade da memória em ensino de áreas como História e Geografia por meio das impressões sensíveis – “ter-se aos olhos” –, sem ignorar que a aprendizagem retida para o futuro ou exame posterior está sujeita a esquecimentos (*in futuram oblivionem*), aduzindo ao processo educativo a necessidade de correspondência de conhecimentos em face da vida real (p. 63-64).

O melhor cultivo da potência se faz em trabalhos práticos e por si mesmos, e em cultivo da razão, a corroborar o espectro filosófico de Sócrates (ca. 470-399 a.C.), sua maiêutica e seu método (socrático, *elenchus*), em autonomia que caminhe em favor do autodidatismo (p. 70).

Nessa jornada educativa a partir do exemplo das gerações anteriores, imitar-se-á a cultura dos mais velhos? Kant não deixa de enfrentar esse ponto, ciente da aspereza dos temas relacionados ao governo dos homens e da própria educação, opinando que partir-se da rudeza de um homem, há a dificuldades de nele formar-se uma ideia, com riscos de queda em nova rudeza e novo levante, em complexidade capaz de elevar o ato educativo ao patamar de arte, pois as disposições do indivíduo dela necessitam para o adiantamento (p. 20-21). Se os pais são exemplos para os filhos, não se deve descuidar do caráter científico da pedagogia a substituir o mero mecanicismo, de forma a



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

outorgar coerência ao processo e solidificar um legado de forma a não o sujeitar à destruição do trabalho da geração anterior (p. 22). Os pais devem ser determinados nesse ponto em favor da superação da timidez e da própria liberdade da criança (p. 51).

Ademais, não basta que os pais eduquem para o mundo presente; precisam educá-los para o futuro, justamente para que o futuro seja melhor (p. 22), corroborando que o mal surge da ausência da natureza diante de normas e que no homem apenas há potenciais de germinação para o bem, devendo, inclusive, restar premente a educação de governantes (p. 23).

Como que resgatando o seu imperativo categórico, na educação é preciso se buscar pelos bons fins, que aprovados por todos, também favoreçam aos fins de cada um (p. 26). Educar para pensar, inclusive no aspecto moral – que não é apenas tarefa dos pregadores – afastando o ser humano do vício em virtude divina, afinal, Deus quer apenas o bom e deseja que se pratique o bem apenas pelo seu valor intrínseco (p. 27-28).

Em sua época Kant entedia viver-se em um momento de disciplina, embora não de verdadeira moralidade, supondo em proporção a maior felicidade dos homens como a maior felicidade dos Estados, algo que só pode ser alcançado pela superação da barbárie pela aquisição de atos morais e sábios (p. 28). Por conseguinte, o filósofo defende que se concilie o necessário constrangimento das leis com o exercício da liberdade, pois é difícil bastar-se a si mesmo e tolerar as privações sociais para, enfim, tornar-se independente (p. 32-33).

Novamente a educação é concebida como um ideal plural, coletivo, em que a liberdade deve ser permitida aos demais para o seu exercício, no que é necessário aprender, no que esse constrangimento social garante o individual e o próprio uso dessa liberdade, para ser um dia ser independente e elevar-se a si próprio, no próprio mérito, com limites no outro em um ambiente em que o filósofo supõe como o melhor no contexto da educação pública, apta a contemplar os aspectos prático e físico, concebendo o futuro cidadão (p. 34).

É preciso observar que o ideal de disciplina de Kant – a educação física – no trato da índole, não supõe de forma alguma “escravização”, mas o sentimento de liberdade sem ofensa ou ferimento aos direitos dos demais (p. 50). Por sinal, sobre os diferentes âmbitos de formação do indivíduo, são pertinentes as próprias palavras de Kant, distinguindo a formação física – pragmática ou moral –, da prática – em que temos a moralização e não a cultura (p. 59) –:

Mas essa formação física da alma se distingue da formação moral, pois que está se refere à liberdade, aquela, apenas à natureza. Um ser humano pode ter uma sólida formação física, pode ter um espírito muito bem formado, mas ser mau do ponto de vista moral, sendo desse modo uma criatura má (p. 59).

Immanuel Kant agregava à cultura escolástica da filosofia medieval em que o pensamento aristotélico se unia a fé e razão o papel de se materializar em trabalho e divertimento para a criança, exercício de cultura livre (p. 60). A criança deve brincar e fazer as tarefas relacionais aos trabalhos escolares, cultivar-se em suas horas de recreio, conciliando diferentes horários, e não contaminando-se pela ociosidade deletéria (p. 60). E parte desse trabalho da criança é não se permitir distrações



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

que conduzam à degenerescência, enaltecendo-se, em contrapartida, o exercício da memória enquanto proporção da inteligência (p. 65).

*Ispo facto*, o processo de aprendizagem apoia-se em regras cultivadoras do entendimento, agregando-se o exercício da abstração em favor de um ensino não apenas mecânico, mas capaz de supor a regra que lhe é atinente (p. 67).

Esse processo assume ares poéticos, aforísticos, metafóricos e contemporâneos na pena de Kant, pois que se as crianças possuem os seus brinquedos, os seus “cavalos de pau”, os adultos também os têm, mostrando que crescer não é fácil (p. 61), ou mesmo, nos conduzindo à reflexão: o que, de fato, é crescer?

Nesse ínterim, Kant lembra que o Pai Celestial não ofereceu toda a criação pronta para o ser humano, exurgindo a necessidade do homem trabalhar, de forma que as ocupações o nobilizam, e, justamente, para o impelir ao alcance de suas metas, reconhecendo que o melhor repouso é o advindo do cumprimento do dever e do trabalho edificado (p. 61-62). A escola é o lugar para o seu aprendizado e cultivo, e, por óbvio, esse ofício deve ser ensinado às crianças, alcançando os consequentes bons frutos desse esforço, mas sem abusos (p. 62).

Em seu ideal de cultura geral da índole (uma cultura ativa), Kant, a concebe de forma distinta da cultura particular (essa passiva, explorando sentidos, inteligência e imaginação), fortificando a índole e agregando o valor moral das ações quando alicerçadas no bem e corolárias da ação em face do dever, em expressão de causa e efeito (p. 67-68). Nesse sentido, a busca do prazer também se estatui pela reflexão, sem sentimentos mimados, sem apreço à funesta facilidade e apenas em apoio, desde cedo, ao advindo do trabalho (p. 73), acrescentando-se às crianças que as mentiras conduzem ao desprezo, ao castigo e ao futuro descrédito, ao passo que as boas ações lhes trazem recompensas, capazes de lhes induzem ao desejo de fazer o certo e reter respeito (p. 75).

Contudo, mais adiante, Kant esclarece que na atividade educativa, há ocorrências de punições que ele chama de físicas – similares à punição moral – como a recusa de dar às crianças aquilo que desejam e aplicação de castigos, em verdadeira punição negativa, e as demais, devendo ser aplicadas com cuidado, justamente para não provocarem índole servil (*indoles servilis*), sem que os infantes também sejam recompensados para que não se tornem interesseiros e mercenários (p. 79). Sobre as penas positivas, essas são aplicadas aos casos de malvadeza, com a advertência de não cultivarmos o rancor em face das crianças (p. 82).

O filósofo prussiano ensina a moralidade como santa virtude, não passível, porém, de rebaixamento ou igualamento à disciplina, de forma que cabe à cultura moral lançar as bases e fundamentos do caráter, sendo este, justamente a ação de acordo com as máximas – leis subjetivas e derivadas da inteligência humana –, por primeiro, da escola e da própria humanidade, por último (p. 76). Se Kant defende que nenhuma transgressão escolar fique sem resposta, também apela para a indispensável proporcionalidade na resposta diante da culpa (p. 76).

A essa altura, em nosso juízo, já somos conduzidos a crer que existe uma afetividade nas linhas de projeto educativo de Immanuel Kant. A ponto de o supormos por conta da obediência que ele defende ser oriundo da autoridade – que ele define de absolutamente necessária, conducente ao



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

respeito às leis (ainda que não agradem) e à cidadania –, ou mesmo, advinda da confiança – voluntária – construída em outras bases (p. 78). Kant, contudo, assevera que a lei deve ser geral e presente nas escolas, sem que o mestre demonstre predileção de alunos, pois do contrário, não haveria lei geral (p. 78). Percebendo que o professor possui “eleitos”, a criança observaria que as demais não estão submetidas à mesma lei geral e seria lançada à rebeldia (p. 78).

Acresça-se que a preferência dos mestres por alguns alunos no campo intelectual não deve se dar, senão, por predileção do caráter, como que outorgando o prazer verdadeiro às crianças e incapaz de causar inimizade ou ciúme (p. 82). Kant encanta com o adágio: “as crianças devem ser abertas e de olhar tão sereno como o Sol. Só um coração contente é capaz de encontrar prazer no bem” (p. 82).

Nesse sentido, considerando a religião com instância educativa, Kant entende que aquelas que levam o ser humano em direção de um caráter taciturno são falsas, afinal, servir a Deus é um prazer, não um constrangimento (p. 82). No mesmo sentido, não se deve tolher sempre a alegria na disciplina escolar, pois, em assim sendo, traríamos abatimento às crianças (p. 82). Com serena dimensão afetiva, Kant asserena que com liberdade e certos jogos, a criança tem motivação para superar outras, reedificando a alma e a serenidade (p. 82-83).

Kant “não se trai” em dizer que a juventude é o melhor período da vida, porque reconhece que nela é onde se tem o maior trabalho da vida e a maior disciplina, como raramente se um amigo verdadeiro e o gozo da liberdade, resgatando em seu favor o poeta romano *Quintus Horatius Flaccus*, o Horácio (65-8 a.C.), que nos disse: *multa tulit fecitque puer, sudavit et alsit* (suportou e fez muito quando menino, suou e passou).

Precavido, Kant também não se entrega à pedagogia conteudista, e adverte que as crianças devem ser ensinadas em coisas compatíveis com sua idade, sendo estéril que os pequenos reproduzam discursos de velhos, pois crianças devem ser crianças e “não imitador cego” (p. 83). A sociedade civil é ainda um peso para ela, e não podemos de elas exigir integralmente o coração de um adulto, no que é mister que se combata a sua vaidade e pertinente que os pais não demorem-se muito no espelho em favor do bom exemplo (p. 83-84).

É consequência, portanto, que as crianças sejam esclarecidas em cumprir as obrigações por inclinação – o que não deixa de ter seus benefícios – sem deixar de lhes avivar a ideia de dever – algo útil por toda a vida –, afinal, obrigações como o pagamento de tributos ou o exercício da profissão, por exemplo, só são guiados pelo dever (p. 78). Se ainda assim a criança não entender o dever, terá que ver que haverá o seu dever como ser humano, ainda que em um processo mais difícil, algo que, se acontecer com maturidade, proporcionará uma obediência ainda mais diligente (p. 78).

Ainda sobre a educação prática, Kant recomenda prudência como a arte de aplicar habilidades em favor do alcance de objetivos, como decoro, moderação, escuta do outro, controlar-se, embora enérgico (e não violento), capaz de moderar as paixões e o temperamento (p. 86), bem ao modo da filosofia socrática que enuncia o domar e conhecer de si mesmo como possivelmente a maior tarefa em favor da própria educação e adiantamento. Domar as tendências e, claro, não permitir que essas se tornem paixões, privando-se um pouco quando algo se lhe é negado,



**RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR**  
**ISSN 2675-6218**

suportando, como no ensinamento horaciano (p. 86). E, por que não dizer, refletidamente, no socrático.

Superar a superficialidade; saber um pouco mais, tentar aprender com mais profundidade; saber um pouco menos, mas sabê-lo bem: é melhor saber mais solidamente (p. 87). Assim se supera a superficialidade. Superar o mal e aquilo que se opõe à moral, ser constante no bem (p. 88). Não postergar o cumprimento dos propósitos, não se entregarão vício pela dificuldade de sair dele e não se tornar em instantes o que o outro honestamente viveu e pensou correta e honestamente por toda a vida, por isso inúteis as peregrinações, mortificações e jejuns (p. 88). Esse equilíbrio recorda ao ser humano de nada adiantar a honestidade simultânea ao castigo que não converte a alma, ao lado do jejum em durante o dia e exagero da glotoneria pela noite (p. 89).

Kant é reflexão para código da educação e da vida diária. O dever para consigo mesmo repousa na simplicidade, sem suntuosidade no vestir ou banquetes, sem satisfação de inclinações e desejos, vivendo-se de forma sóbria e comedida, em ações que conservem a dignidade – que o ser humano não deve negá-la a si mesmo – interior compatível com a nobreza ímpar do homem (p. 89).

O gênio Kant realça a dignidade humana pela necessidade de afastamento dos vícios, da embriaguez, da intemperança ou do aviltar-se diante do semelhante para objetivos não dignos, pois assim procedendo se inferioriza aos animais (p. 89).

Os deveres para os demais são necessários de inculcar desde cedo às crianças, com a observância e prática de direitos humanos, sem tratamento vil aos que passam pela provação da pobreza, ensinando-lhes o compartilhamento em caridade sem recompensa, ciente o orientador que não é possível falar-se muito de generosidade pois que os pequenos ainda nada possuem de fato em seu poder (p. 90). Não é de admirar que nesse projeto de formação intrínseca e extrínseca do ser humano, Kant acredite na necessidade de uma formação jurídica que ele chamou de “catecismo do direito”, conducente à honestidade, trazendo o estudo de casos do cotidiano e ao sendo de justiça e injustiça, no que a real prática da beneficência advém da conduta livre de toda a dívida (p. 91-92). O filósofo explica: “se dou dinheiro a um pobre, faço algo meritório; mas, pagando a [minha] dívida, cumpro um dever” [inserção nossa] (p. 91-92). Muito menos se é correto mentir por (qualquer) necessidade, no que seria pertinente que um livro assim existisse para que esses conhecimentos e mesmo, para que os infantes conhecessem e acatassem os direitos humanos, “menina dos olhos de Deus sobre a terra” (sic) (p. 92).

De se destacar que o bom trato com os outros, o polimento em relação à humanidade, é sentimento cosmopolita, refletindo nossa alma em interesse por nós mesmos, por aqueles que cresceram conosco e, enfim, pelo todo universal, refletindo novamente parte do imperativo categórico, onde alegra-se pelo bem geral, mesmo que aparentemente não haja vantagens próximas (p. 106).

Por sinal, na compreensão da desigualdade, a concepção educativa de Kant coloca a necessidade de expor às crianças a ordem de vantagens que um buscou em relação ao semelhante, em que “a consciência da igualdade dos homens na desigualdade da ordem civil pode ser inspirada aos poucos” (p. 105). Ainda, a conduta conscienciosa de si mesmo não pugna fundamental por aparecer e sim, por ser, sem alardes (p. 105-106), ao lado da prudência (e eventual permanência em



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

suspensão) e, mesmo, da moderação: *sustine et abstine* (p. 106). A consequência não poderá deixar de ser a alegria de coração vinda da consciência tranquila, alcançando a condição de bom membro da comunidade (p. 106).

Diante de tudo isso, que a criança, que dê ao lugar ao sentimento a ideia do dever, pois muitos que foram compassivos, endureceram seus corações por serem sistematicamente ludibriados (p. 92). A ideia de mérito em face da beneficência frequente em alguns religiosos é contestada por Kant porque em relação a Deus, a caridade não é mais que o nosso dever (p. 93). Ressalte-se: muitos são os nossos deveres e uma ação é valiosa não porque vem de encontro à minha aptidão, mas porque ela materializa o cumprimento do dever (p. 106).

E a dimensão ampla do ser humano não é deixada de lado por Kant, de forma que a sexualidade é discutida pelo filósofo, pugnando pelo seu não uso precoce e livre de vícios (p. 34), em que a ideia de dignidade humana conduz o jovem corretamente, assim como a orientação no tema (p. 91 e 104).

À criança deve ser ensinada a auto estima austera, sobretudo, em seu valor humano, e forma que o que foge disso é vaidade e em sua vida austera, o filósofo de Königsberg – cidade sob a administração soviética a partir 1945 pelo Acordo de Potsdam (e atualmente russa), sendo renomeada em 1946 para Kaliningrado –, também entendia que conceber a humildade como o ato de estimar-se menos que os demais seria um erro, pois, especialmente, quando se coloca acima, impõem-se a inveja (p. 93). Inevitável, por conseguinte, é o grande tema acerca da real natureza do homem: “o homem é moralmente bom ou mau por natureza?” (p. 95).

Responde Kant:

Não é bom nem mau por natureza, porque não é um ser moral por natureza. Torna-se moral apenas quando eleva a sua razão até aos conceitos do dever e da lei. Pode-se, entretanto, dizer que o homem traz em si tendências originárias para todos os vícios, pois tem inclinações e instintos que o impulsionam para um lado, enquanto sua razão o impulsiona para o contrário. Ele, portanto, poderá se tornar moralmente bom apenas graças à virtude, ou seja, graças a uma força exercida sobre si mesmo, ainda que possa ser inocente dos estímulos (p. 95).

Kant difere neste escrito das posições de Jean-Jacques Rousseau – que entende o ser humano ser puro em essência, corrompido pela sociedade –, e Thomas Hobbes (1588-1679) – que aduz ter o ser humano uma natureza ruim –, ainda que caminhe para uma conclusão similar àquela do primeiro, enunciando que os vícios derivam do estado de civilização que violenta a natureza, devemos deles sair enquanto parte de nossa destinação de seres humanos (p. 95), de forma que a ação educativa estabeleça bons princípios e boa compreensão e aceitação deles nas crianças, suplantando o ódio, a reforma íntima, a estima íntima independente das opiniões, o valor em si mesmo do comportamento adequado e das ações em lugar de palavras, e ao invés da devoção tenebrosa e taciturna, sublinhando-se a alegria serena (p. 96).

Caminhando em direção das linhas finais, Kant indaga se é possível ensinar às crianças princípios religiosos se elas ainda não conhecem bem o mundo, a si mesmas e, mesmo, um dever



## RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

direto para com Deus (p. 96-97). Com a austeridade que lhe é peculiar o filósofo lembra que a lei do dever não se determina pelo prazer, e sim por algo universal, insuscetível aos caprichos humanos (p. 98). Como efeito, tudo existe e se refere à natureza e essa a Deus, concebendo equilíbrio das espécies e indiretamente para o ser humano e sua felicidade, edificando o conceito do Criador ao de um pai que nos tem em cuidado e em apreço de toda uma família humana (p. 98). Assim, a religião é a lei que está em nós mesmos, com autoridade sobre nós mesmos, substanciando uma moral aplicável a Deus e não um roteiro de súplica de favores (p. 98).

Os cânticos e preces, portanto, são buscas de energia para a melhora íntima ou o lenitivo para o coração animar-se para o dever, em preparação de boas obras que não dispensam a que urge em nós mesmos (p. 99). As crianças, portanto, precisa saber dessa lei dentro de si mesmas, fastando-se dos vícios, pois, em exercício de virtude e consciência essa única lei o fará feliz (p. 99). A expressão de lei é a reconhecida pelo próprio homem como lei divina, natural e não arbitrária (p. 99), e, afinal, nem poderia ser diferente por conta dos cânones do livre arbítrio.

Diante dessa lei moral impõe-se a razão e a ideia de moralidade, afastando-se a consideração supersticiosa e repousando na consciência como referencial a essa lei e às nossas próprias ações (p. 99). O remorso e a religião destituída desses alicerces restam ineficazes, em que não basta louvar e celebrar sem observar essas leis, tornando narcótico para a consciência, sendo (p. 100). Esses são os princípios a incutir nas crianças – ainda que não os entenda a todos – sem o que será inútil fazê-las recitar fórmulas condutores de falsa piedade (p. 100).

Nesse processo, Deus, em reverência, será o Senhor da vida da criança e do próprio universo e, enfim seu juiz, ao modo como Kant supunha Issac Newton (1643-1727), em que toda vez que pronunciava o nome do Criador, parava e lançava-se em breve meditação (p. 101). Destarte, a ideia de Ente Supremo é proveitosa aos pequenos, até mesmo para saber o motivo e a favor de quem são rogadas as orações, sem também que avaliem os demais pela sua religião, em que, a par da diversidade de cultos, é uma só (p. 101-102).

Em uma existência em que se deve dar pouco valor aos prazeres – nem sempre condizentes com as promessas da imaginação –, se perderá o temor pueril da morte, em uma jornada eivada de permanece exame da própria conduta em direção de aquilatar, ao sem termo, do real valor vida (p. 107).

O professor doutor Francisco Cock Fontanella, de grandes contribuições ao ensino e pesquisa em Educação e Filosofia na UNIMEP cotejou traduções em outras línguas e alcançou o Immanuel Kant que se explica por si mesmo, trazendo trabalho excepcional para conhecermos parte do pensamento e ideal educativo de um dos pensadores mais significativos de toda a Idade Moderna (1453-1789), não dual e capaz de conceber a sua visão unificada.

O trabalho de fôlego do tradutor, por sinal, revela um Kant acessível, compatível com as melhores tradições apoiadas na razão e iluminação do Ocidente, que se bem compreendidas, podem lançar caminhos para reencontrarmos aquilo que a educação tem que ser em sua essência, vale dizer, o trabalho de orientação e construção ético-formativa do ser humano.